Contos_Daphne 1/10/08 12:46 Página 9

NÃO OLHES AGORA

«Não olhes agora,» disse John à mulher, «mas estão ali duas velhotas, a duas mesas da nossa, que estão a tentar hipnotizar-me.»

Laura, rápida a captar a indicação, fez uma elaborada simulação de bocejo e depois virou a cabeça como se perscrutasse o céu em busca de um avião inexistente.

«Mesmo atrás de ti,» acrescentou ele. «Por isso é que não podes virar-te de repente — seria demasiado óbvio.»

Recorrendo ao mais velho truque do mundo, Laura deixou cair o guardanapo, depois inclinou-se, apalpou o chão junto aos pés para o apanhar, e lançou um olhar rápido por cima do ombro esquerdo ao endireitar-se. Chupou as bochechas para dentro, primeiro sinal revelador de riso reprimido, e baixou a cabeça.

«Não são nada velhotas,» disse. «São homens gémeos travestidos.»

A sua voz adquiriu um tom agudo sintomático, pressagiando o riso descontrolado, e John apressou-se a deitar-lhe mais *chianti* no copo.

«Finge que te engasgas,» disse-lhe, «assim eles não reparam. Sabes o que é, são criminosos que correm os centros turísticos da Europa, mudando de sexo em cada paragem. Irmãs gémeas aqui em Torcello. Irmãos gémeos amanhã em Veneza, ou mesmo hoje à noite, passeando de braço dado pela Piazza San Marco. É só uma questão de mudar de roupas e de perucas.»

«Ladrões de jóias ou assassinos?», perguntou Laura.

«Oh, assassinos, sem dúvida. Só me pergunto por que razão me escolheram a mim.»

O criado de mesa desviou a atenção ao trazer o café e retirar a fruta da mesa, dando tempo a Laura para afastar a vontade de rir e recompor-se.

«Não encontro explicação,» disse ela, «para não termos reparado nelas quando chegámos. Dão manifestamente nas vistas. Era impossível não as ver.»

«Aquele grupo de americanos encobria-as,» disse John, «e o homem de barbas e monóculo que tinha aspecto de espião. Só há pouco, quando todos eles se foram embora, é que eu vi as gémeas. Ai Jesus, a da gaforina branca está outra vez de olhos postos em mim.»

Laura tirou da bolsa o estojo de pó-de-arroz e segurou-o em frente da cara, usando o espelho como reflector.

«Acho que é para mim que elas estão a olhar, não para ti,» disse. «Ainda bem que dei as minhas pérolas a guardar ao gerente do hotel.» Fez uma pausa, empoando os lados do nariz. «A verdade,» disse ela passado um instante, «é que nos enganámos a respeito delas. Não são assassinos nem ladrões. São duas velhas e patéticas professoras aposentadas em férias, que passaram a vida inteira a poupar para visitar Veneza. São de um lugar qualquer com um nome parecido com Walabanga, na Austrália. E chamam-se Tilly e Tiny.»

A sua voz, pela primeira vez desde que tinham vindo, readquirira aquele tom de vivacidade de que ele tanto gostava, e a ruga de preocupação entre os sobrolhos desaparecera. Até que enfim, pensou ele, finalmente começa a recuperar. Se eu conseguir que assim continue, se conseguirmos voltar à habitual rotina da troca de piadas em férias e em casa, às fantasias ridículas acerca de pessoas que ocupam outras mesas ou que estão hospedadas no nosso hotel, ou deambular por galerias de arte e igrejas, então tudo voltará ao seu lugar, a vida será como era antes, a ferida há-de sarar, ela há-de esquecer.

«Sabes uma coisa,» disse Laura, «foi de facto um excelente almoço. Gostei muito.»

Graças a Deus, pensou ele, graças a Deus... Depois debruçou-se para a frente e falou baixinho, num sussurro de conspiração. «Uma delas vai aos lavabos,» disse. «Achas que ela, ou ele, vai mudar de peruca?»

«Não digas nada,» murmurou Laura. «Vou segui-la para descobrir. Pode ter lá uma mala escondida e ir mudar de roupa.»

Começou a cantarolar de boca fechada, o que para o marido era sinal de contentamento. O fantasma fora temporariamente afastado, e tudo graças à habitual brincadeira de férias, abandonada durante muito tempo e agora ditosamente recuperada por mero acaso.

«Já aí vem?», perguntou Laura.

«Vai agora passar junto à nossa mesa,» disse-lhe ele.

Vista assim sozinha, a mulher não chamava tanto a atenção. Alta, angulosa, de feições aquilinas, com o cabelo à escovinha a que no tempo da sua mãe, tanto quanto se lembrava, se costumava chamar «corte à Eton», transparecia de toda a sua figura o cunho especial dessa geração. Andaria pelos sessenta e cinco, calculava ele, vestia camisa masculina com colarinho e gravata, casaco desportivo, saia cinzenta de *tweed* até meio da barriga da perna. Meias cinzentas e sapatos pretos de atacadores. Já vira aquele tipo de mulher em campos de golfe e exposições caninas — apresentando invariavelmente dogues e não raças desportivas —, e se as encontrava numa recepção em casa de alguém, eram mais rápidas a puxar do isqueiro do que ele, um simples homem, o era a puxar dos fósforos. A crença geral de que partilhavam a residência com uma companheira mais feminina e frívola nem sempre era verdade. Muitas vezes ostentavam um marido golfista que adoravam. Não, o que esta criatura tinha de espantoso era o facto de haver outra igual a ela. Gémeas idênticas, produzidas no mesmo molde. A única diferença era que a outra tinha o cabelo mais branco.

«Suponhamos,» murmurou Laura, «que quando me encontrar perto dela no *toilette* ela começa a despir-se?»

«Depende daquilo que for revelado,» respondeu John. «Se for hermafrodita, tu, pernas para que vos quero. Podia ter uma seringa hipodérmica escondida e querer pôr-te fora de combate antes que alcançasses a porta.»

Laura chupou outra vez as bochechas e começou a tremelicar. Depois levantou os ombros e pôs-se em pé. «É preciso não me rir,» disse ela, «e faz o que quiseres, mas não olhes para mim quando eu voltar, sobretudo se aparecermos juntas.» Pegou na bolsa e afastou-se da mesa muito compenetrada, perseguindo a presa.

John escorreu para o copo os restos do *chianti* e acendeu um cigarro. O sol incidia com intensidade no pequeno jardim do restaurante. Os americanos tinham-se ido embora, tal como o homem do monóculo e a família que estava no extremo oposto. Tudo era paz. A gémea idêntica estava recostada na cadeira, de olhos fechados. Ainda bem, pensou, que por um momento se podia descontrair, e que Laura retomara o seu jogo pateta e inofensivo. As férias ainda podiam vir a revelar-se o remédio de que ela precisava, dissipando, mesmo que temporariamente, o apático desespero em que mergulhara desde a morte da filha.

«Ela há-de superar,» dissera o médico. «Todas superam, com o tempo. E depois, têm o rapaz.»

«Bem sei,» dissera John, «mas a menina representava tudo. Sempre assim foi, desde o início, não sei porquê. Suponho que era a diferença de idades. Um rapaz em idade escolar, e robusto, ainda por cima, é alguém por direito próprio. Uma menina de cinco anos, não. Laura adorava-a, literalmente. Johnnie e eu não existíamos.»

«Dê-lhe tempo,» repetiu o médico, «dê-lhe tempo. Além disso, são ambos ainda jovens. Outros virão. Outra filha.»

Quão fácil é falar... Como substituir por um sonho a vida de uma filha amada que se perdeu? Conhecia muito bem Laura. Outro filho, outra menina, teria as suas qualidades próprias, uma identidade distinta, até poderia despertar hostilidade, justamente por isso. Um usurpador no berço, na caminha que fora de Christine. Uma réplica rechonchuda e loira de Johnnie, não a fada de cera e cabelos escuros que partira.

Ergueu o olhar por cima do copo de vinho, e a mulher estava outra vez com os olhos fixos nele. Não era o olhar casual e ocioso de quem se encontra numa mesa próxima à espera de que a companheira volte, mas algo mais profundo, mais intencional; os olhos azuis-claros e salientes eram estranhamente penetrantes, dando-lhe uma sensação súbita de desconforto. Raios partam a mulher! Pois bem, olha à vontade, se assim queres. É um jogo que pode ser jogado a dois. Soprou uma nuvem de fumo de cigarro para o ar e sorriu-lhe, esperando tê-lo feito de modo ofensivo. Ela não reagiu. Os olhos azuis continuaram a fitar os seus, de tal modo que foi obrigado a desviar o olhar, apagar o cigarro, espreitar por cima do ombro à procura do criado de mesa e pedir a conta. Fazer esses pre-

parativos, tactear os bolsos à procura de trocos e pronunciar algumas observações casuais sobre a excelência da refeição, permitiu-lhe readquirir a compostura, mas uma certa impressão de formigueiro no couro cabeludo e uma estranha sensação de mal-estar não o abandonaram. Depois passou, tão repentinamente como começara, e lançando um olhar furtivo à outra mesa viu que ela fechara de novo os olhos e estava a dormir, ou a dormitar, como já antes fizera. O criado desapareceu. Estava tudo em sossego.

Laura está a demorar-se um ror de tempo, pensou, olhando de relance para o relógio. Dez minutos, pelo menos. Sempre era um motivo para a espicaçar. Começou a planear a forma como o gracejo se desenrolaria. Que a velha bonequinha se despira até ficar em trajos menores, sugerindo a Laura que fizesse a mesma coisa. E que o gerente entrara de repente, apanhando as duas em flagrante e exclamando horrorizado que a reputação do restaurante tinha sido prejudicada, e insinuando que daí derivariam pesadas consequências, a não ser que... Vindo-se a descobrir que toda a encenação fora um embuste, uma manobra de chantagem. Ele, Laura e as gémeas levados para Veneza numa lancha da polícia, para interrogatório. Um quarto de hora... Oh, despacha-te, despacha-te...

Ouviu-se um ranger de passos no cascalho. A gémea que Laura seguira passou devagar, sozinha. Dirigiu-se para a sua mesa e ficou uns instantes em pé, interpondo a figura angulosa entre a irmã e John. Estava a dizer qualquer coisa, mas ele não conseguiu perceber as palavras. Mas que sotaque era? Escocês? Depois inclinou-se, oferecendo o braço à gémea que estava sentada, e atravessaram juntas o jardim, até à abertura na pequena sebe do lado oposto; a gémea que estivera a olhar fixamente para John apoiava-se no braço da irmã. Cá estava outra diferença. Não era tão alta e curvava-se mais para a frente — talvez fosse artrítica. Desapareceram da vista e John, impaciente, levantou-se e preparava-se para entrar no hotel quando Laura surgiu.

«Bem, não posso coibir-me de dizer que demoraste o teu tempo,» começou, mas interrompeu-se ao ver a expressão do rosto dela.

«O que foi, o que é que aconteceu?», perguntou.

Percebeu imediatamente que alguma coisa não estava bem. Parecia quase em estado de choque. Dirigiu-se a cambalear para a mesa de onde ele acabara de se levantar e sentou-se. Ele puxou uma cadeira para o lado dela e pegou-lhe na mão.